

# DO CARTESIANISMO A UM NOVO PARADIGMA: NOVOS OLHARES CIENTÍFICOS SOBRE A LINGUAGEM, O SIGNIFICADO E O SUJEITO

Ruth Bohunovsky\*

**RESUMO:** Neste artigo, procuro apontar para as críticas que foram desenvolvidas por cientistas naturais contra a concepção cartesiana de linguagem, de significado e de sujeito – concepção que, por sua vez, tem marcado a área dos estudos da linguagem durante muito tempo. A argumentação exposta refere-se sobretudo, mas não exclusivamente, à linguagem “técnico-científica” que foi discutida por alguns dos mais importantes cientistas naturais – sobretudo físicos (quânticos) - do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** *lingüística cartesiana; ciências naturais; mudança de paradigma científico; linguagem; significado; sujeito.*

## Introdução

Na área dos estudos da linguagem, o paradigma cartesiano tem influenciado muitos teóricos, o que pode, de uma maneira ou outra, ser atribuído ao “boom científico”, que teve seu auge nos anos 60 e 70 do século XX. Partindo de uma concepção cartesiana de significado e sujeito, sonhou-se com uma linguagem absolutamente transparente, unívoca e independente do tempo, do lugar e do sujeito. Não serão repetidas aqui as muitas críticas que têm sido feitas contra essa visão de linguagem, de significado e de

---

\* Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Pós-doutoranda.



sujeito, nem as muitas “desconstruções” de que essas noções têm sido alvo. Interessa-me apontar as críticas que têm surgido nas ciências “duras”, sobretudo na física, em relação à utilidade do paradigma cartesiano para se discutir questões teóricas consoantes à linguagem, ao significado e ao sujeito. No meu entender, as reflexões e argumentações desenvolvidas por cientistas da física, e de outras ciências “duras”, podem ser de interesse também para teóricos do campo acadêmico que lida exclusivamente com a linguagem, já que permitem lançar um novo olhar sobre questões fundamentais para qualquer estudioso que se dedica à linguagem e seu funcionamento.

## **1. Linguagem e cartesianismo**

O modelo cartesiano de cientificidade tem marcado, desde o século XVII, não apenas as chamadas ciências “duras”, mas também áreas como a filosofia, a sociologia e a lingüística. A filosofia de Descartes – baseada no pressuposto de uma separação absoluta entre sujeito e objeto e na possibilidade de uma observação descomprometida e livre da realidade extralingüística, assim como de hipóteses universais, independentes de tempo e lugar – proporcionou a visão de um universo ordenado, quantificável e cognoscível a qual, mais tarde, vai caracterizar também a física newtoniana<sup>1</sup>. A importância do modelo epistemológico cartesiano para o pensamento moderno em geral é destacada, por exemplo, por Mario Novello, que observa que

este mundo sólido, fechado sobre si, compromissado com uma visão absolutista e dogmática, dominara desde Newton não só o mundo científico, produzindo aí uma fundamentação da Fi-

---

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, Thomas Kuhn (1962/187: 64-65).

sica, como também influenciara praticamente todas as atividades do pensamento que dele extraía suas referências e nele encontrava um paradigma dos diferentes programas filosóficos desde então desenvolvidos (Novello 1999: 38).

A crença na possibilidade da existência de uma realidade “objetiva”, que poderia ser observada pelo homem sem sofrer a sua interferência, tem sido acompanhada pela convicção de que existiria um significado independente da interferência ou da influência de qualquer sujeito. De acordo com as premissas do cartesianismo, tal significado transparente e imutável seria mais evidente no discurso científico. Na introdução à antologia *Klassiker der Sprachphilosophie* (Clássicos da filosofia da linguagem), Tilman Borsche (1996) aborda a relação entre os conceitos de linguagem e de ciência, ao longo dos últimos séculos, e julga que, “depois de Galilei e Descartes”, o “ideal filosófico de conhecimento” que marcou “a concepção moderna de ciência” teria sido “orientado pelo modelo matemático e marcado por uma negligência total da [influência da] linguagem”. De acordo com esse autor, tal “concepção moderna de ciência” teria se tornado dominante, entre outras áreas, na filosofia da linguagem, onde teria uma grande influência “até o presente” (Borsche 1996: 10). Borsche menciona também que, a partir desse “ideal filosófico”, os “aspectos naturais e históricos da linguagem são considerados acidentais, no sentido de que não atingem o pensamento, o ser e a verdade” (ibid.: 9). De acordo com as premissas da “lingüística cartesiana”<sup>2</sup>, a linguagem não seria constitutiva nem para a “descoberta” da “verdade”, nem para a sua divulgação. Ela seria apenas a representação de uma suposta realidade externa e suscetível de ser entendida de maneira idêntica por qualquer sujeito consciente.

No âmbito da filosofia, o início do questionamento dos pressupostos do paradigma cartesiano aconteceu com as obras de Arthur

---

<sup>2</sup> Sobre a “lingüística cartesiana”, cf. também Chomsky (1966/1972).

